

8.  
C O R O A  
C A S T R E N S E ,

NO FELIZ NASCIMENTO

Do Excellentissimo Senhor

D. LUIS JOSEPH

THOMA'S LEONARDO DE CASTRO,

Duodecimo Conde de Monsanto, segundo-genito  
dos Excellentissimos Senhores,

O S S E N H O R E S

D. MANOEL, E D. LUIZA,

Terceyros Marquezes de Cascaes.

*Em Sabbado 18. de Setembro de 1717.*

Por GASPAR LEYTAÕ D'AFFONSECA,

Em substituição de seu grande amigo

SALVADOR SOARES COTRIM,

Sargento mór da Villa das Pias,

*Que a dedica aos ditos Excellentissimos Senhores pela mão de seu muito amado  
sobrinho Salvador Soares Cotrim, Secretario de Suas Excellencias.*



LISBOA OCCIDENTAL,

Na Officina de PASCOAL DA SYLVA Impresor de Sua Magestade.

M. DCCXVIII.

*Com todas as licenças necessarias.*

COROA  
CASTRENSE

NO FELIZ NASCIMENTO  
Do Excellentissimo Senhor

D. LUIS JOSEPH

THOMAS LEONARDO DE CASTRO,  
Brasão de Armas de Montano, segundo-Genro  
dos Excellentissimos Senhores,

OS SENHORES

D. MANOEL E D. LUIZA

Tercyros Marquizes de Caldas.

Em Sabbatho 18. de Setembro de 1717.

Por GASPARY LEYTAO D'AFONSECA,

Em substituição de seu grande amigo

SALVADOR SOARES COTRIM,

Surgento mor da Villa das Pias,

Que a he deica nos dias Excellentissimos Senhores pela mão de seu amigo  
Johannes Salvador Soares Cotrim, Secretario de Sua Excellentissima



LISBOA OCCIDENTAL

Na Officina de PASCOAL DA SILVA Impressor de Sua Magestade.

M. DCCXVIII.

Com todas as licenças necessarias.



## EXCELLENTISSIMOS SENHORES:

**D**EPOIS de eclipsadonas minhas mãos, vay aos pés de V. Excellencias este Poema, delineado a impulsos da obrigação, & fabricado pelos effeytos do agradecimento, procurando illustrarse aos rayos de tão refulgentes Planetas. Disse que fora delineado a impulsos da obrigação; porque he assim como o confessa, quem o dedica, pois nella nos identifica o nome, o affecto, & o sangue; & fabricado pelos effeytos do agradecimento; porque da inestimavel honra de criado de V. Excel. com que a sua magnanima benevolencia quiz acreditar-me, (da qual elle pelas mesmas razões tambem participa, ou já se jacta) parece que só àquelle meu tio pertencia (reconhecendo

A ij      a pouca

22  
a pouca capacidade do meu talento) senão o desempenho, esta demonstração do applauso, com que festejamos o feliz nascimento do Excel. Senhor Conde de Monsanto o Senhor D. Luis Joseph Thomás Leonardo de Castro, meu Senhor, buscando no plectro de seu amigo Gaspar Leytão a' Affonseca substituição à sua Musa, abstrahida do surve exercicio da Poesia. já pelos achaques, já pelos annos, nesta Coroa Castrense, na qual me não permittio a minha inculta Musa outra parte, nem mais outro merecimento, que o da immediata oblação; & posto que desta sorte fique sendo o ultimo na demonstração, quem nas venerações he o primeyro:

Ultimus ad laudes venio, qui primus amore.

Nem por isso se me pôde applicar o q̄ diz hũ Mestre: Qui tardè dedit, diù noluit; porque como o meu talento não permite outro desempenho, fallar á em meu abono o parecer de Seneca: Reddit beneficium, qui libenter debet. Que não cabe em hum criado outra recompensa q̄ a boa vontade, com q̄ publica a obrigação.

Seneca.

Acetyem Vossas Excel. esta Coroa, em nome de quem a escrevo, de quem lha dedica, & de quem lha offerece, com a lembrança do q̄ diz o Author da Cartilha Politica, ajudado de Scipião Amirato: Que no es la suma razon del agradecimiento la cantidad, sinò el animo, la memoria, y el buen deseo. Em cuja sentença vejo aos tres mencionados, na memoria, a que teve meu tio, para buscar substituto ao seu possivel reconhecimento, no animo, o elevado entendimento, com que o Author satisfaz às leys de amigo; & no bom desejo, a parte que me pôde caber por satisfação: que para lha offerecer, posto que o dissuada Ovidio:

Cart. Polit.  
verb. Dadi-  
vofo. Scip.  
Amirat. lib.  
2. de Rep. &  
Reg. infl.

P. Ovid.  
Naf. Trist.  
l. 2.

M. Val.  
Mart. Epig.  
l. 8.

Non vacat exiguis rebus adesse Jovi;  
Tambem dá alento Marcial, dizendo que  
Offendunt numquam thura, precesque Jovi.  
Esó debayxo de tão soberana protecção, poder á sabir a luz este parto dos mais profundos obsequios ao Oriente mais querido, & suspirado dos mais finos desejos, & dos amantissimos criados de Vossas Excel. que na vida do Excel. Senhor Conde de Monsanto, meu Senhor, esperão ver gloriosamente continuada a successão desta Augusta Casa, & o seu mais certo amparo. As Excel. pessoas de Vossas Excel. guarde Deos muytos annos. Castello de Lisboa 10. de Outubro de 1717.



C A R T A  
DEDICATORIA.

EXCELLENTISSIMOS SENHORES:

J A' parece não ser de todo apocrifa a pedra Filoso-  
fal, pois se a este imaginario artefacto se attribue  
a propriedade de fabricar da mais vil materia o  
metal mais precioso, hoje se verifica em mim, que de  
hum vicio pessimo, qual he a inveja, se produz huma  
ingenua virtude, qual he o agradecimento. Dias ha  
que vivo invejoso, de que hum homem, que tem o  
meu sangue, & o meu nome, logre a honra de criado de  
V. Excellencias, & que os annos que me sobraõ, & os  
meritos que me faltaõ, me inhabitem para taõ su-  
blime dignidade. Porèm estes mesmos estimulos, que  
puderaõ romper em affectos viciosos, brotaõ em agra-  
decidos obsequios, reconhecendo, que aquella inve-  
jada felicidade do meu Parente, cede em mayores cre-  
ditos, & interesses meus; vindo por este modo a lograr  
as prerogativas do titulo, sem o mercimento dos ser-  
viços. Estas razões me constituem na obrigação de  
celebrar com as mais efficazes expressões de festivo  
jubilo o feliz, & desejado Nascimento do Excellen-  
tissimo Senhor Conde de Monsanto, meu Senhor, tan-  
tos annos esperado, & precedido de tantos mysterios.

42  
E como para este preciso tributo não fossem sufficientes os redditos da minha humilde Musa, busquey no heroico engenho de hum amigo, o desempenho da minha rendida, & reverente gratificaçõ. E sendo no sentir do Filosofo o amigo outro Eu, bem posso ja etarme, que não offereço a V. Excellencias cousa estranha, pois ao tempo que faço minha a obrigação de hum Parente pelo beneficio do sangue, me aproprio tambem a obra de hum amigo pelo privilegio da sympathy, que he a conciliadora da amizade. E se lá se dignou hum Monarca Potentissimo de aceytar a agua offerecida nas mãos de hum rustico, não ficará sendo agora indecoroso à grandeza de hús esclarecidos Principes, que tem por Progenitores tantos, & tão poderosos Monarcas, admittir nas mãos de outro rustico o licor Poetico, derivado de húa das mais fecundas veas de Aganipe. Guarde Deos a V. Excellencias por dilatados annos. Pias 5. de Outubro de 1717.

**EXCELLENTISSIMOS SENHORES,**

**Aos pés de V. Excellencias**

**Se inclina seu mais humilde criado**

**Salvador Soares Cotrim.**

**CAR-**

*CARTA QUE O SARGENTO  
mór Salvador Soares Cotrim escreveu a seu so-  
brinho, mandandolhe a presente obra.*

**M**Eu sobrinho, & amigo. Estando nõs pelo sangue, pelo affecto, & pelo nome reciprocamente identificados, he preciso q̃ tambem o estejamos pela obrigaçõ, em tributar os mais festivos applausos ao desejado Nascimento do Excellentissimo Senhor Conde de Monsanto, como participantes, & interessados nesta taõ alta felicidade. E assim quizera que para a expressaõ de taõ ingenuos, & reverentes affectos, se arrebatara a minha Musa em metricos Enthusiasmos; porẽm o mesmo assumpto, que me persuade, me desanima, por ser sõ digna empreza dos mais heroicos engenhos, que a fama celebra; & tambem porque os annos, & o achaques, me tem ha muyto totalmente abstrahido do suave exercicio da Poesia, & me poem em justo temor, o que de si disse o Poeta Sulmonense no primeyro livro de Pont. Eleg. 6.

P.Ovid.  
Nas. de  
Pont.  
Eleg. 6.

*Cernis, ut ignavum corrumpunt otia corpus,*

*Ut capiant vitium, ni moveantur aqua?*

*Sic mihi, si quis erat dicendi carminis usus,*

*Deficit, estque minus factus inerte situ.*

E se isto sentia o Principe dos Elegiacos, & pela mes-  
ma

82  
ma razaõ se queyxava naõ menos o Agudissimo Falcaõ a D. Christovãõ de Moura:

*Nam postquam senesci infelix sum pene cadaver,  
Sum sine vi corpus, sum sine mente caput.*

E com ambos o eloquente Macedo:

*Me deficit ardor*

*Fessum annis, atate gravem, mortique propinquum:*

Com taes motivos seria temeridade naõ ceder este emprego a outro plectro, que delle fosse digno, ainda por decoro do mesmo assumpto. Tal me parece o de meu amigo Gaspar Leytaõ d' Affonseca, como exercitado em Regios Epitalamios, que conhecem os typos da Corte com approvações muy qualificadas. Elle fabricou esta Coroa, que se naõ tiver o merecimento de ser elevada à soberana cabeça de taõ grande Principe, bastarlhehaõ os realces, de que a ponhais, a seus pés, & a mim aos dos Excellentissimos Senhores Marquezes nossos amos, cuja vida Deos iguale à eternidade, & cuja successaõ ao numero das Estrellas.

Vosso tio, & amigo

Salvador Soares Cotrim.



# CARTA CONDUCTORIA DA

presente obra para o Sargento mór Salvador  
Soares Cotrim.

**E** Scandalo fora para a estimação, que na minha fé tanto acreditaõ os seus meritos, occuparme v. m. para que eu substitua o seu engenho no digno assumpto deste elevado Nascimento, senaõ vira que desta sorte succede a v. m. para com o applauso do glorioso filho, que nasceo aos Excellentissimos Senhores Marquezes de Cascaes, o mesmo que succedeo a Virgilio com o filho de Polliaõ; pois assim como o Principe da Poesia Latina, para celebrar aquelle illustre parto, antepoz ao espirito dos seus versos, o dos que tinha escripto a Sibylla; por entender que em occasiões taõ gloriosas, discorre melhor quem vaticina, do q̄ quem applaude; quiz v. m. que a subtileza da idea deyxasse o lugar à ingenuidade da razaõ, & que a lingua se explicasse melhor com o coração, que com o discurso. Esta ponderação deu confiança ao gosto, que tenho de servir a v. m. & de acreditar-me com servillo, com tanto mayor fineza, quanto he o conhecimento da differença, que vay ao serem inspirados os versos da Sibylla ao som das Seréas no Sebetho, ou serem os meus escriptos entre o sussurro das rans no Nabaõ; em cuja margem naõ posso ter mais semelhança com a Sibylla, que a gruta, na qual supponho me permittirão as

22  
Musas a indulgencia desta celebridade , pelos mereci-  
mentos de Anachoreta. O sitio, como rustico, me con-  
vidava a tecer grinaldas , que são o fruto das arvores  
do Pindo ; mas a grandeza do assumpto , como sobe-  
rana, me persuadio a Coroas, que são o fruto dos tron-  
cos de Cascaes ; achando-as eu nesta Excellentissima  
Casa taõ Reaes pela Ascendencia, como vitoriosas pe-  
lo Appellido. Assim intitulo Coroa Castrense a este pa-  
pel , cujos versos , como pela confiança da felicidade,  
que prognosticaõ , podem fazer que eu fique exceden-  
do a Sibylla , pela circuuftancia com que v. m. quiz  
que elles se escrevessem ; em lugar dos seus , poderãõ  
mostrar, que v. m. em nada quiz que o excedesse Vir-  
gilio. **Guarde Deos a v. m. muytos annos. Thomar**  
**25. de Septembro de 1717.**

**De v. m. taõ servidor como amigo**

**Gaspar Leytaõ d' Affonseca.**



# AO TETRAONOMASTICON

Significado no Excellentissimo Senhor,  
O SENHOR

# D. LUIS JOSEPH

THOMA'S LEONARDO DE CASTRO,  
Duodecimo Conde de Monsanto.

## OCTASTICON.

*Impleat ut totum Puer hic producitur orbem,  
Est divisa quater nomine Sphæra suo.*

*Intonat eloquio Ludovicum Europa superbo,  
Josephumque Asia personat axis item.*

*America obtuso Thomam pronuntiat ore,  
Atque Leonardum convocat Afræ cohors.*

*Quæ tibi Sphæra capax, Infans, restabit adulto,  
Si tibi nascenti vix locus orbis adest?*

Do Sargento mór

Salvador Soares Cotrim.

REPARTINDO EM MAYOR HYPERBATON  
o nome de Leonardo , por ser hum dos quatro do  
Excellentissimo Senhor Conde de Monsanto

O SENHOR  
**D. LUIS JOSEPH**  
THOMA'S LEONARDO DE CASTRO.

EPIGRAMMA.

*Quatuor Infanti sunt nomina; quatuor uno  
Nomine, quid mirum, si tenet iste Puer?  
Non solum virtute Leo, seu Nardus odore,  
Sed Nardus, Leo, Nar, Dux LEONARDUS adest.  
Nar fluvius, flos Nardus, Dux, Leo, fortis uterque,  
Narque rigat Nardum, Dux, Leo stantque simul.*

Do mesmo.



# LICENCAS.

Do Santo Officio.

APPROVAÇAM.

EMINENTISSIMO SENHOR:

**V**I por ordem de V. Eminencia esta obra , a que seu Author Gaspar Leytao da Fonseca dá o titulo de *Coroa Castrense*, não só pela allusão do appellido de Castro, que nella celebra, senão tambem como auspicio de que este esclarecido menino novamente nascido a ha de merecer nas gloriosas emprezas de escalar muralhas inimigas: proeza que os Romanos premiavao com a Coroa Castrense , tantas vezes conseguida dos Senhores das preclarissimas casas q̄ applaude o Author com admiravel engenho nesta obra , que não contem nada contra a nossa Santa Fé, ou bons costumes. Lisboa Occidental na Casa de nossa Senhora da Divina Providencia 31. de Janeyro de 1718.

*D. Antonio Caetano de Sousa C. R.*

Vif.



## Do Desembargo do Paço.

### A P P R O V A Ç A M.

S E N H O R:

**P**Or ordem de V. Magestade vi a *Coroa Castrense*, que ao Nascimento do segundo filho dos Marquezes de Cascaes compoz a Poetica discriçaõ de Gaspar Leytaõ de Affonseca. Deo o Author a este papel o titulo de *Coroa Castrense*, equivocando o appellido de Castro com o premio, que deraõ os Romanos ao valor dos Soldados. Como os Poetas muytas vezes são profetas pelo espirito, que os arrebatã, devo entender que este equivoco he mysterio, pois cõrõa ainda no berço a este menino com o mesmo premio, com que o coroarã depois o seu valor. Nenhum destes premios militares lhe serã novo, quando adulto, serlheha repetido, porque do seu heroico sangue lhe nascerã para a guerra taõ natural inclinaçaõ, que farã hereditario o exemplo de seus Avòs, coroando-se como elles com as *Coroas Castrenses*, com as *Vallares*, & com as *Muraes* pelas *Fortalezas* ganhadas, pelas *linhas* forçadas, & pelos *muros* escalados; com as *Navaes*, com as *Classicas*, & com as *Rostratas* pelas *armadas* inimigas desbaratadas, & vencidas; com as *Civicas* pela *conservaçaõ* dos seus *naturaes*; com

as Obsidionaes pelos sitios gloriosamente levantados; & com as Ovaes pelas batalhas conseguidas sem mortandade do seu exercito; & se o sangue generoso influe grandes acções, ninguem as farà mayores; porque neste menino depositou a natureza tanto sangue Real, & soberano, que parece o mar, em que entraõ como tributarios todos os rios da grandeza, & da magestade. Neste papel não acho cousa, porque se lhe deva negar a licença para se imprimir. V. Magestade mandará o que for servido. Nesta Casa de nossa Senhora da Divina Providencia aos 9. de Fevreyro de 1718.

*D. Joseph Barbosa C. R.*

**Q**ue se possa imprimir, vistas as licenças do S. Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornará à mesa para se conferir, & taxar, & sem isso não correrá. Lisboa Occidental 10. de Fevreyro de 1718.

*Duque P. Costa. Andrade. Oliveyra.*



# COROA CASTRENSE.

1.

 JA' madura pompa da grinalda  
Passava Bassareo ao pé fecundo,  
Nas mãos do Outono o Tyrso de esmeralda  
Depondo, quanto alegre, rubicundo,  
Quando o passo, que em nectar se desliza,  
De contente mais salta, do que piza.

2.

A estação varonil era do anno,  
Da sua operação madura idade;  
Não florescia já de Abril o engano,  
Nem de Julho exhalava a mocidade;  
Tudo ponderação, tudo prudencia,  
Tempo era, & parecia providencia.

C

Pois

3.

Pois nesta taõ perfeyta conjuntura  
 O Oriente melhor estuda o Fado,  
 Que para desempenho da ventura  
 Do merito pertende ser Morgado,  
 Pois para herdeyro de fortunas bellas,  
 Por taes Pays nasce filho das Estrellas.

4.

Das Estrellas, por quanto mais brilhantes  
 Pelo Outono a luzir no Ceo começaõ;  
 E no Outono com termos radiantes  
 He bem que novas luzes resplandeçaõ;  
 Porque o fruto, o qual honra este Hemisferio,  
 Para ser natureza, foy mysterio.

5.

Do Outono vem fazendo Primavera;  
 Que como he berço seu todo o universo,  
 E he de flores o tempo na outra Esfera  
 Que he de frutos na nossa por diverso;  
 Tal Pimpolho quiz ser por absoluto  
 Para huma Esfera flor, para outra fruto.

Coroa Castrense.

6.

Na terceyra estaçãõ nasce do anno,  
 Quando o Equinocio na balança sua  
 Vay pondo em equilibrio soberano  
 O dominio do Sol, com o da Lua;  
 Que igual fica co' Sol no luzimento  
 A Lua, quando traz tal Nascimento.

7.

Para affistir a gloria taõ perfeyta,  
 Tãõ fermosa com tal Oriente fica,  
 Que parecem signaes, com que se enfeyta,  
 As manchas, com que alegre se salpica;  
 Ou como hum Sol no parto, não ignora,  
 Vem como Lua, que ha de ser Aurora.

8.

Em tremulo esplendor de crespos rayos,  
 A dourada madeyxa dividindo,  
 O vento occupa em Soes, a terra em Mayos,  
 De Lucina veloz o gesto lindo;  
 Pois a testa, que touca de escarlata,  
 Amalthea descreve, Iris retrata.

9.

N'uma brilhante nuvem discorria,  
 Que o Zéfiro a carroça destinava,  
 Em quanto pelos círculos deſceia,  
 Na vaga oſtentaçãõ, que respirava,  
 Parecendo co' a luz, que reverbera,  
 Erratico Pavão, denſa Quiméra.

10.

Menos gentil a nuvem fabuloſa,  
 Que fantaſtica mãy foy de Gigantès,  
 Se condensou delicia mentiroſa  
 De Ixião lá nos braços arrogantes,  
 Tão rica deſce, tão gentil ſe move,  
 Que ou Juno nuvem he, ou chuva he Jove.

11.

Os ſopros lateraes, do mundo alentos,  
 Diafanos clarins da Corte Etherea,  
 Respirando em cortezes movimentos  
 Canoros hombros ſão à luz fiderea;  
 Que pelo mimo, que respira vaga,  
 Vapor ſe acende, exhalação ſe apaga.

Che-

12.

Chega pois onde o Tagico Neptuno  
Das mais soberbas conchas se ennobrece  
Nas torres, de que em paramo opportuno  
Guerreiramente a praya se guarnece,  
E de que fórma jugos o Oceano,  
Para que lhe obedeça, ao Rio ufano.

13.

As Nayades nas tranças voadoras,  
Aos rayos outros rayos enxugando,  
Perolas colhem, deste Mar Auroras,  
Para o fio, que em teas vão trocando,  
Onde a margem, com sempre verde fralda,  
De ouro a teár he pentem de esmeralda.

14.

A margem, que com vista graciosa  
De Flandres sempre hum lenço está tecendo  
Nessa do mundo estampa populosa,  
Que por ella se vay inda estendendo,  
Como téa, que as Tagides divinas  
Inda lavrão nas Casas peregrinas.

15.

As Ninfas , que com placido ruido  
 Alterar vem o esferico foffego,  
 Huma co' a mão no fio mal tecido  
 Os olhos ergue ao Ceo, deyxando o emprego;  
 Outra o fio sutil da mão largando,  
 Sobre os olhos a poem , ao Ceo olhando.

16.

Entre todas rethorica Lucina  
 Exhalada da ayrosa nuvem leve  
 Diz , pelos termos de huma voz divina  
 Que celeste harmonia inda ser deve:  
 As Ninfas em affombros repetidos  
 Vem sem olhos , e scutaõ sem ouvidos.

17.

Do Tejo oh sempre claras moradoras!  
 Lucina fou , que ao berço assistir hia,  
 De cuja alta esperança precursoras  
 As vossas verdes margens sempre via;  
 Que sempre o Tejo com gentis bonanças  
 Foy o author das mais altas esperanças.

Dey-

18.

Deyxay , Ninfas , deyxay os vãos labores,  
 Que trocar pelos seus vem o Indo ao Tejo,  
 E se nelles teceis doces amores,  
 Tecey a fé do mais fino desejo,  
 Pois he a alma , que ao berço se destina,  
 Do mais fino desejo a fé mais fina.

19.

A fabrica deyxay do vosso Rio,  
 Que talvez descompoem vosso thesouro,  
 Pois sendo a arêa tea , o Tejo fio,  
 Diz mal fio de prata em tea de ouro;  
 Se lavrar , pois , quereis só maravilhas,  
 Nessas teas tecey estas mantilhas.

20.

Mas onde podereys achar o estáme  
 Que digna contextura ser mereça?  
 Onde o vello achareys , que digno exame  
 Desta fabrica heroica vos pareça?  
 Tosca he toda a Fenicia artificiosa,  
 Grosseyra toda a China primorosa:

## 21.

Se da confusa Créta o culto fio  
 Deste compendio acerto vos parece,  
 O Labyrinto aqui he de mais brio,  
 Que aquelle, em que Theseo se reconhece;  
 Lá de carcere foy, por ser de horrores,  
 E cà he de jardim, por ser de flores.

## 22.

Acafo o decantado Vellocino  
 Vos occorre, para alma desta idéa?  
 Porque palpita em Astro peregrino,  
 E nas luzes por symbolo campea?  
 Este materia illustre me parece,  
 Pois só pôde brilhar quem resplandece.

## 23.

Mas de que roca pôde deduzirse?  
 A de Cloto enfastia por commua,  
 A' de Yole só pôde attribuirse,  
 Porque Hercules a fez espada sua;  
 E só decente a róca aqui se achava,  
 Que buscou para o fuzo a maõ da Clava.

Para

24.

Para o succo, em que o fio se humedece,  
 Só serve essa salíva brilhadora,  
 Que da boca pueril, quando amanhece,  
 Cahe ao Sol entre os osculos da Aurora:  
 Que onde he neve do objecto a calidade,  
 Sempre o effeyto do Sol foy humidade.

25.

Para o lavor, em que a arte se exercite,  
 O bastidor Atalico se intente,  
 Pois em ouro se torce, & este limite  
 O precioso metal tem por corrente:  
 De Antistenes se imite a contextura,  
 Que dos Deoses na imagem bem se apura.

26.

Pois Deoses são de humana Jerarquia,  
 Quantos Heroes respiraõ nesta infancia,  
 Se do esplendor Paterno a galhardia  
 Quer seguir do alto ponto a circumstancia:  
 Ayroso o Calamistro por taes tellas  
 Vá encrespando Leões entre Arruellas.

D

Os

27.

Os dous Avós tecey , que a França o mundo  
 Quiz levar para affombro verdadeyro,  
 Onde foy o primeyro sem segundo,  
 Porque foy o segundo sem primeyro:  
 Nas voltas inda o Senna os intervallos  
 Conferva , que entãõ fez para admirallos.

28.

Dous Fabricios no zelo , & na grandeza  
 Dous Cressos tecereis , quaes nunca Roma  
 Exaltou nos Annaes , de que se preza:  
 Hum ALVARO , outro LUIS , que a Fama toma,  
 Ou por azas na pompa , com que andãrão,  
 Ou por Clarins , no applauso , com q' entrãrão.

29.

Mas se tecer quereis aquelle Castro,  
 Que a Asia tẽce com o ouro da memoria,  
 Lá nas azas da Fama o mayor Astro  
 Havia de ser ponto nesta historia;  
 Ou pentem ser para esta techedura  
 A palma , que em sua maõ immortal dura.

Ou

30.

Ou ser fio devia neste ponto  
 Hum fio, dos que guarda a eternidade;  
 Como honrosa reliquia em cristal pronto,  
 Tanto por gloria, como por saudade;  
 Fio, que com Sanfã tanto emparelha,  
 Quanto vay de ser barba a ser guedelha.

31.

Mas se àquelle cristal, tão precioso  
 Logro nega ao cristal do vosso Rio,  
 Do Mondego ao cristal sempre faudofo  
 De purpura pedi o melhor fio,  
 Onde o sangue dos Castros esmaltado  
 Correo, como Real, a ser coroadado.

32.

A pompa dos Noronhas, por Paterna,  
 E Materna, entre emprezas peregrinas  
 Vos convida, coroando em fórmula alterna  
 Os Leoens Hespanhoes co' as Luzas Quinas;  
 Que de grandeza tal as calidades  
 Só cabem entre duas Magestades.

33.

Teve Hercules por faxas as Serpentes,  
 Teve este Infante as Quinas por mantilha,  
 Que da Serpe individuos são patentes,  
 Mas por ferpe o Leão nellas só brilha;  
 Porque estando o Leão no berço amante,  
 O que hū venceo Varaõ, vença outro Infante.

34.

Que muyto, se inda he Rayo este Menino  
 Do Scipiaõ Hespanhol? Pois se o Romano,  
 Por vencedor da Lybia se acha digno  
 De arrogarse o cognome de Africano,  
 Por triunfador de Hespanha em igual salva  
 Scipiaõ Hespanhol foy Marialva.

35.

Inda no Avô Materno hum novo exemplo  
 A heroica educação lhe representa  
 N'um, & n'outro Hemisferio, onde o contéplo  
 Ser hum movel da esfera corpulenta;  
 Pois crescendo lugar com a pessoa,  
 O mesmo he na Bahia, que era em Goa.

Mas

36.

Mas onde o valor vosso me arrebatá,  
 Que parece que o fio se exaspera,  
 Como que o fuso aonde se dilata  
 O gyro vay torcer em toda a esfera?  
 Se deste Infante a idéa se ajuiza,  
 Exemplar he MANOEL, copia LUIZA.

37.

Em Monsanto se exalta esta Deidade,  
 Que ao Monte Villa Verde bem se applica;  
 Pois se o campo de flores he Cidade,  
 De verdores Palacio o Monte fica:  
 E como as leys da Corte nunca perde,  
 Villa Verde quiz ter Palacio verde.

38.

Tal Monte bem pedia tal altura;  
 Pois se o Olympo, por alto Ceo se chama,  
 Como lugar celeste se procura  
 O Monte, em que Deidade tal se acclama?  
 E se lugar de hum Ceo quer ser Monsanto,  
 Bem he celeste o Monte, pois he Santo.

Do

39.

Do seu titulo verde as esperanças  
 Muytos annos contou em Primavera,  
 Em quanto a natureza nas tardanças  
 Seguiu da Providencia as leys feveras,  
 Pois sempre chega com fatal segredo  
 Tarde ao mundo, o que vay para o Ceo cedo.

40.

Mas agora que o tempo agradecido  
 Quiz dar consolação a tanta queyxa,  
 Alentou mais o passo repetido,  
 E hum bem por outro bem trocado deyxã;  
 Quando, a tres annos com fieis balanças  
 Refume de quatorze as esperanças.

41.

E tanto o Ceo andou mais diligente  
 Nesta satisfação, quanto se mostra,  
 Pois se em Julho o primeyro teve Oriente,  
 Nascido este em Septembro se demonstra:  
 Tres annos se entremetem cá na terra,  
 E hum mezo no Ceo, oh quanta gloria encerra!

Nas

42.

Nas garras do Leão nasce o primeyro,  
 E da Virgem nos braços o segundo:  
 Que veloz! que cortez! que lisongeyro,  
 Corre dos Signos o esplendor fecundo!  
 Pois se estas luzes correm parallelas,  
 No Ceo he mez, & instante nas Estrellas.

43.

Em quanto dita, instante o tempo corre,  
 Argumento de ser felicidade,  
 O parto que com jubilos discorre  
 Nos eccos da mayor celebridade:  
 Pois se a hum signo outro signo está prescrito,  
 O principio co' fim deyxá infinito.

44.

Esta gloria tecer com mais cuydado  
 Podeis nessa fanefa venturosa,  
 A qual guarnece o Tejo prateado,  
 Que empreza agora tendes mais famosa:  
 Descey comigo à praya, que apparece,  
 Onde Jerusalem Belèm parece.

Vedes.

45.

Vedes aquella maquina arrogante,  
 Que interprete he de fogo à lingua de agoa,  
 Colosso para o amigo navegante,  
 E para o inimigo eterna fragoa?  
 Aquelle Alcaçar, que igualmente existe  
 Torre a quem olha, Paço a quem assiste?

46.

Essa he, naõ só das portas do Oceano,  
 Mas do Universo todo, a melhor chave,  
 A qual poz o Monarcha Lusitano  
 Na fiel maõ do Heroe, excelso, & Grave;  
 Que valor tanto, & tal poder encerra,  
 Que as chaves tem do mar, & mais da terra.

47.

Aqui origem teve o desejado  
 De tantos annos primitivo fruto,  
 Do Ceo (em arras deste) Dom prezado,  
 E para o mesmo Ceo rico tributo;  
 Que sempre o Ceo os frutos multiplica  
 A quem fiel as primicias lhe dedica.

Aqui

48.

Aqui se produzio tanta belleza,  
 Aqui teve influencia esta ventura,  
 Junto ao sal lhe deu graça a natureza,  
 Junto ao cristal alento a fermosura;  
 Gerouse, onde com candidos primores  
 As perolas se geraõ, & onde as flores.

49.

Como a Alcione (sempre amante Esposa)  
 Junto das prayas forma doce ninho,  
 Tal Mãy dispoz na margem mais fermosa  
 A seu filho gentil centro marinho,  
 Como aquella Ave centro lhe procura,  
 Que nos Castros he Garça a fermosura.

50.

Em quanto lá, qual Aguia remontada,  
 Se exalta a dar a luz o Infante bello  
 Nessa Penha de Torres fabricada,  
 De Lisboa mais Rocha que Castello;  
 Pois Olympo parece pela altura,  
 Se Capitolio está pela estrutura.

E

De

51.

De Marte no Palacio mais honroso  
 Busca faxa este Heroico nascimento,  
 Como Casa, que he Titulo glorioso  
 Do seu Elclarecido Monumento;  
 Para as honras nascendo com tal ancia,  
 Que onde o merito o espera, o traz a infancia.

52.

No Castello começa a tenra idade,  
 Que turrigero Caucaço domina  
 O populoso Nilo da Cidade,  
 O qual por sete montes se termina;  
 Ficando esta alta pompa de Lisboa  
 Sobre sete cabeças por coroa.

53.

Como Prenda Real nascer intenta,  
 Aonde a natureza co' edificio  
 Mais coroadada a Patria lhe apresenta,  
 Para ser de tal berço digno hospicio;  
 Sendo para a Grandeza galeria,  
 O que he para o respeyto Alcaydaria.

Castel-

54.

Castello o berço he seu , nome guerreyro;  
 He Castro o seu solar , guerreyro nome;  
 E Oriente fica sendo verdadeyro  
 Lugar , que sympathya he do renome;  
 Porque fique , com digno paralelo,  
 Quando Castro o Solar , Berço o Castello.

55.

Prezos nas faxas nascem moralmente  
 Os alentos da humana natureza,  
 Mas este Infante alento heroicamente  
 Senhorio a prizaõ fez da Grandeza;  
 Pois se os mais , como prezos , vem vivendo,  
 Como Alcayde mór **LUIS** vem nascendo.

56.

Vamoslhe fabricar alta Coroa,  
 Pois d'ouro no-la enfina o Apelido,  
 Que por Castro Castrense se apregoa,  
 Ouro temos no Tejo enriquecido;  
 E assim como a sua area mais profunda  
 Fundio hum Sceptro , huma Coroa funda.

E ij

Vamos

57.

Vamos , dizem do Tejo as moradoras,  
 E já por entre as ondas peregrinas  
 Vaõ do Rio as fanefas brilhadoras,  
 Cruzando nas carroças cristalinas;  
 Representando , com taõ bello Norte,  
 As conchas naos , as perolas transporte.

58.

O vento, que de amores se abrazava,  
 Quando mais as espumas revolvía,  
 Parece que de ardente se banhava,  
 Aonde faudofo se envolvia;  
 Ou como Venus tem centro nativo  
 Nas aguas, sopra nellas mais lascivo.

59.

Naõ chegou com mais doce defafogo  
 O Amante nadador à excelsa Torre,  
 Onde Hero por farol expunha fogo,  
 De que o Amor em seu peyto se soccorre;  
 Como chega esta alegre companhia  
 A' Torre , que a Belém serve de espia.

Aqui

60.

Aqui fabrica tem por onde formem  
 Da Coroa Castrense a dignidade;  
 Aqui onde os cristaes em ouro dormem,  
 Illustrando do Rio a magestade;  
 Pois para ter lavor taõ soberano,  
 He fragoa a Torre, artifice Vulcano.

61.

Mas de que fio póde ser tecida,  
 Vós, Ninfas, o dizey, para que seja  
 Digna de huma materia esclarecida.  
 A de Ariadna o meu desejo enveja;  
 Por quanto aqui os engastes mais brilhantes,  
 Se não são Astros, nunca são diamantes.

62.

Coroa a devoção nautica chama  
 A exhalação, que acende a tempestade,  
 E de huma em outra gavia se derrama,  
 Em final de que he já serenidade;  
 Cujã luz se attribue às sempre bellas  
 De Geminis beneficas Estrellas.

Desta

63.

Desta luz exhalay melhor Coroa,  
 Pois se Castor, & Pollux he o seu Astro;  
 Aqui Castro diverso nome soa;  
 Castor hia a dizer, & disse Castro:  
 Quando com mais ventura ouvio a Fama  
 No descuydo de hum nome hum Anagrãma?

64.

Se huma vida em dous Astros alternando  
 A morte em dous Irmãos se fez fineza,  
 Como em Castor, & Pollux respirando  
 Hum em outro, com nova natureza  
 JOSEPH LEONARDO vive, pois galhardo  
 Nasce LUIS JOSEPH THOMAS LEONARDO.

65.

Luz se vio na cabeça do Troyano  
 Menino, cujo nome tomou Julio,  
 E a mesma vio o seculo Romano  
 Na cabeça pueril de Servio Tullio;  
 Sejaõ pois só Coroa resplandores,  
 Onde os annuncios podem ser melhores.

Se

66.

Se por neto do Sol o Rey Latino  
 Doze rayos cingia no diadema,  
 Dos mesmos se coroa este Menino,  
 Pois he Neto de quem para este Emblema,  
 Luzindo de Hemisferio em Hemisferio,  
 Exercita do Sol o ministerio.

67.

Nos doze rayos poz os doze signos  
 Aquella Magestosa intelligencia,  
 E nesta infancia os pôde pôr mais dignos  
 Essa celestial circumferencia;  
 Que a taõ grande Natal he deste modo  
 Breve Horoscopo o Zodiaco todo.

68.

Pois duodecimo signo he este Infante  
 Ao Zodiaco Heroico de Monsanto,  
 Que o circulo do Ceo mais rutilante  
 Iguala desta Casa o menor Canto,  
 Quando o giro, por onde Febo passa,  
 Doze casas faz lá, cá huma Casa.

Por

69.

Por isso quiz nascer por mais grandeza  
 Este Alto Resplendor no tempo, quando  
 Em vago espaço a etherea redondeza  
 Os braços do Escorpião vem apartando;  
 Porque o lugar, que a hum Cesar deu a idade,  
 Outro occupe com mais propriedade.

70.

Discorrey, pois, oh Ninfas generosas  
 Nestas faxas gentis por tal idéa;  
 Discretas ficareis por mysteriosas,  
 Pois que o discurso o Fado galantea;  
 Quando para estudar tal Nascimento,  
 Inda engenho quiz ser o Firmamento.

71.

No mez foy, em que a Roma primitiva  
 De Romulo, & de Augusto o nascimento  
 Celebrava entre jubilos festiva,  
 Dando à memoria heroico mantimento;  
 Que he bem se applaudaõ os Nataes melhores  
 Com os Nataes de Reys, & Emperadores.

72.

Já a Castrense Coroa se exaltava,  
 Por Natalicia pompa em ouro ardente,  
 Que ao reflexo gentil se illuminava  
 Do mais claro, & mais lucido Oriente;  
 Vindó o rico metal neste apparatus,  
 Mais a ser ambição, que a ser ornato.

73.

No meyo do Zenith o Sol a doura,  
 Pois nasce este esplendor ao meyo dia,  
 Quando mais o Planeta a trança loura  
 Do thalamo, & do tumulto desvia;  
 Mostrando, quando nasce esta Deidade,  
 Que o curso o tempo tem na eternidade.

74.

Entre os extremos dous do Oriente, & Occaso,  
 Quando nasce esta luz, o dia vemos,  
 Pois se já por primor, ou por acaso  
 Este Natal o tempo obriga a extremos,  
 Que muyto que entre glorias, & grandezas  
 Obrigue o Amor a excessos, & a finezas?

F

Qual

75.

Qual será o Zenith do Sol nascido,  
 Que inda o Zenith do Sol por berço estrea?  
 Qual será seu docel engrandecido,  
 Se no Zenith o Sol se patentea?  
 Ou porque deyxte o berço ao Sol segundo,  
 Ou porque he Throno o Talamo fecundo?

76.

Com hum, & outro Sol se vio confuso,  
 Duvidando a qual deve este Hemisferio  
 A luz, de que se attende circunfuso;  
 E affim por decidir o ardente Imperio  
 No Meyo dia o Sol com seu rodeyo  
 Ficou meyo de hum Sol, de outro Sol meyo.

77.

Com causa o Sol no Meyo dia cobra,  
 Porque nas letras, com que o nome esmalta,  
 Para LUS em LUIS huma lhe sobra,  
 Para JOSUE, em JOSE outra lhe falta,  
 Em cuja confusaõ mais luz entrega,  
 Porque onde se equivocã, bem se cega.

Como

78.

Como assumpto mayor para a alegria,  
 Parece quiz nascer naquella hora,  
 Em que já mais que perolas do dia  
 Eraõ rizos as lagrimas da Aurora;  
 Pois com dous Soes as lagrimas, que encerra,  
 Hum no Ceo lhas enxuga, outro na terra.

79.

Em Septembro nasceo, quando vizinho  
 Caminha o Sol da Virgem luminosa,  
 E no devoto dia, que ao carinho  
 Se confagra da Virgem Prodigiosa;  
 Que como he desempenho de Maria,  
 De Virgem foy o mez, & foy o dia.

80.

A' Virgem de Belém foy invocado  
 Este parto feliz, & razaõ era,  
 Que se visse igualmente equivocado  
 O Planeta do mundo co' da Esfera;  
 De hũa Virgem vizinho hum Sol correndo  
 De outra virgem vizinho outro nascendo.

As

81.

As espigas dourando nas Estrellas  
 Por Setembro apparece a Virgem clara;  
 E em Belém as espigas sempre bellas  
 Illustrando apparece a Virgem rara;  
 Que he Belém de paõ casa, & claramente,  
 Cá são substancia, & lá são accidente.

82.

A' vista desta Virgem peregrina,  
 Fabula a outra Virgem fica sendo,  
 E assim com influencia taõ divina  
 A nova luz tambem resplandecendo;  
 A vista deste Sol, em tempo breve,  
 Parecer o outro Sol fabula deve.

83.

Já a Castrense Coroa as Ninfas bellas  
 Tecido tem com circulo brilhante;  
 E no lavor, que inveja he das Estrellas  
 Reluz o Sol por ultimo diamante;  
 Formando para a luz, que reverbera,  
 Reflexo o Ceo, & resplendor a Esfera.

F I M.